

Novas Tecnologias de Comunicação: solução para as questões sociais?

MARIA DAS GRAÇAS TARGINO
(*Associação de Ensino Superior do Piauí*)

Resumo

Ciência e tecnologia emergem da sociedade e nela são aplicadas, incorporando o dinamismo inerente aos processos sociais. Objetiva-se, pois, discutir os impactos sociais advindos das Novas Tecnologias de Comunicação (NTC), dentro de uma visão panorâmica e interdisciplinar. Dentre tais impactos, destacam-se a consolidação do setor quaternário da economia; a emergência de um espaço mass-mediático transnacional; novas formas de organização e relações de trabalho e a intensificação do consumo. **Palavras-chave:** novas tecnologias de comunicação, impactos sociais, comunicação de massa

Resumen

La ciencia y la tecnología emergen de la sociedad y en ella son aplicadas, incorporando el dinamismo propio a los procesos sociales. Se quiere, con esto, discutir los impactos sociales causados por las Nuevas Tecnologías de Comunicación (NTC), dentro de una visión panorámica e interdisciplinar. **Palabras-clave:** nuevas tecnologías de comunicación, impactos sociales, comunicación de masas

Abstract

Science as well as technology rise out from within society and are applied to it, embodying the dynamism inherent in the social processes. The aim of this paper is to discuss the social impacts upon Communication New Technologies (CNT), in the context of a panoramic and interdisciplinary view. **Keywords:** new communication technologies, social impacts, mass communication

Introdução

A partir do princípio irrefutável de que o avanço científico e tecnológico tem sempre a sociedade como referente, no sentido de que a revolução tecnológica caminha *pari passu* com a história da humanidade, na condição de processo natural de evolução do conhecimento humano, percebe-se que a tecnologia é agente de mutações e o principal fator responsável pela criação de novas linguagens, de uma nova ordem de discurso. Contribui para mudar o ambiente natural, os padrões de trabalho, lazer e consumo, afetando a consciência do homem moderno, impondo sua presença nas mais diversas atividades - religião, esportes, ciências, artes. Talvez por isto, Mignot-Lefebvre (1994) amplie seu conceito sobre tecnologia, incorporando não somente o conjunto de técnicas audiovisuais, de telecomunicações, de automação etc., mas inclua, como dimensão conceitual, as decorrências econômicas e sociais dessas técnicas dentro de uma visão temporal e espacial - nenhum recurso tecnológico é um fim em si próprio. Sua adequação precisa estar, **sempre**, atrelada à melhor qualidade de vida.

No caso específico das aplicações tecnológicas em Comunicação, estas sempre desencadearam novas formas de relações sociais e práticas culturais, a começar pela escrita, a qual favoreceu a consolidação da literatura e da imprensa que, em nível teórico, popularizou as informações. Mas não é uma relação simplista de causa e efeito, em que a alterações infra-estruturais correspondem mudanças superestruturais ou vice-versa. Até porque, se as novas tecnologias em Comunicação concorrem para a geração de paradigmas sociais e econômicos, os problemas sociais persistem ao longo dos tempos, sem que a tecnologia represente, necessariamente, solução eficiente e eficaz.

A partir do exposto, objetiva-se discutir os impactos sociais emergentes das chamadas "Novas Tecnologias de Comunicação (NTC)" em sua visão ampla e dentro de postura interdisciplinar, até porque o aspecto técnico vem sendo discutido em detrimento de questões de ordem político-cultural-econômico-social, alheios ao fato de que *"cada tecnologia suscita questões relativas à sua consistência enunciativa que, em última instância, se articula com a produção discursiva de uma sociedade num determinado momento"* (Parente, 1994, p.4). Pretende-se evitar posições pré-concebidas do comprometimento irremediável dessas inovações com a transnacionalização e uniformização da cultura, assumindo caráter de elemento de aculturação e deculturação. Mas não há razões para se criar expectativas em torno de um nirvana, ainda que propagandas maciças reforcem a força das NTC como causas primeiras de transformações, pois estas não deveriam solidificar a muralha erguida entre a minoria de privilegiados que usufruem as benesses tecnológicas e a significativa maioria excluída desse mundo de possibilidades.

Portanto, não se pode atribuir à tecnociência, em nenhum circunstância, o comando do processo histórico, relegando-se e descartando-se a perspectiva crítica e analítica da sua inserção no contexto macrossocial. As inovações tecnológicas não podem ser desvinculadas das práticas sociais: nenhuma tecnologia figura como *corpus* autônomo e independente. Ao contrário, ciência e tecnologia emergem da sociedade e nela são aplicadas, incorporando o dinamismo inerente aos processos sociais.

Novas Tecnologias de Comunicação: visão panorâmica

A influência da informática nos processos de difusão da informação é decisiva. Conduz à adoção de novo modelo informacional distributivo, dinâmico e hipertextual, no sentido de atender os usuários, de modo não mais linear, mas respeitando sua estrutura cognitiva e suas demandas singulares. Tal dinamicidade pressupõe agilidade, precisão, consistência e densidade. E tais mudanças refletem nos chamados "meios de comunicação de massa (MCM)". Estes informam, formam e deformam. Estimulam a sociedade de consumo. Consolidam laços de dependência. Incentivam a massificação de hábitos, costumes e atitudes, em perspectiva vertical, ou seja, no modelo **in-formativo**, em que o emissor manipula as probabilidades de transmissão de dados. Entretanto, as NTC apontam para a perspectiva de de-massificação da sociedade (Sichel, 1981), dentro de um modelo **co-informativo**, de estrutura horizontal e vertical, em que receptores e emissores interagem. Mesmo com a sobrevivência da comunicação massiva como decorrência natural das diferenças societais, caminha-se, cada vez mais, para a comunicação direcional ou "*democrática*" que une grupos de interesses comuns, em que ambos - processos de informação e de comunicação - objetivam respeitar o repertório individual, o que é comprovado pelo *boom* de publicações especializadas, pela difusão da TV a cabo, pela adesão crescente às redes eletrônicas de comunicação e a possibilidade de acesso a bases de dados *on-line* ou via CD-ROM.

Neste sentido, as inovações tecnológicas no campo da Comunicação integram as "Tecnologias de Informação (TI)". Incorporam inúmeras possibilidades técnicas, configurando a comunicação telemática - tele(comunicação) + (infor)mática - que trata da manipulação e utilização da informação através do uso combinado da informática, das telecomunicações e dos meios audiovisuais. Com isto, urge o fim da ultra-especialização e a hora dos profissionais agregarem conhecimentos específicos com uma sólida formação generalista, que os capacitem a responder a uma realidade multifacetada e dinâmica, ainda que Finlay (1986, p.48) afirme que "*O sistema telemático está organizado de tal forma que o usuário individual está individualizado, isolado e permanentemente visível*".

As NTC consistem na adaptação de formas tradicionais de comunicação à eletrônica, que (re)surgem sob facetas e denominações variadas. Mesmo sem constituir o cerne deste *paper*, citam-se, aqui, os populares

videoteipes, videocassetes, videodiscos, computadores, satélites de comunicação, videofones, teletextos, videogames. A eles, somam-se recursos variantes dos mencionados ou resultantes da combinação de alguns deles, haja vista a capacidade de entrelaçamento de muitas inovações tecnológicas. É o caso do *VIBC* ou *vídeo-instrução baseado em computador*, da multimídia, do videotexto, do audiotexto, do hipertexto, da telefonia celular, do jornal eletrônico, de variadas opções que tendem a substituir a TV analógica e de muitas outras novidades lançadas quase quotidianamente no mercado, assimiladas, rapidamente, pela grande imprensa, como detalhado por Moon (1993) e Xavier Filho (1993). O *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Globo* e *Jornal do Brasil*, atentos para a defasagem dos jornais impressos e da diversidade de interesses do público, aderiram à multimídia (mediante iniciativas diversificadas), que corresponde à multiplicidade de meios, à simultaneidade, à instantaneidade, ou seja, à possibilidade de reunir som, texto e imagens animadas no computador mediante a conexão de microfones, caixas acústicas e CD-ROM. A partir dessas perspectivas, chega-se à *information superhighway* ou super-rodovia da informação, que interligará os 50 estados norte-americanos até o ano de 2030 ao custo aproximado de US\$ 500 bilhões de dólares. Formada por cabos de fibra ótica e conectada a supercomputadores, repassará imagens, sons e dados em incrível velocidade, reunindo em uma só linha, conversas telefônicas, imagens de TV a cabo e dados informatizados, gerando uma aparelho misto de telefone, TV e computador. Sua tecnologia basilar envolve a digitalização; o processamento de dados paralelo; a ATM ou Modo de Transferência Assíncrono; as fibras óticas e os decodificadores digitais.

Novas Tecnologias de Comunicação - impactos sociais

A diversificação das NTC e suas singularidades, aliadas a posturas distintas e/ou contraditórias dos autores, dificultam a sistematização dos seus impactos sobre o dia-a-dia dos indivíduos, ainda que estes sejam inegáveis. A seguir, estão eles dispostos em categorias que se sobrepõem e se complementam.

A emergência e a consolidação de um novo setor econômico

A priori, no âmbito da relação entre tecnologia e processos sociais, na perspectiva teórica de Williams (1985, 1989, 1992), para quem as inovações tecnológicas constituem relevante fator de mudanças sociais e culturais, destaca-se o aspecto econômico, com a substituição do paradigma da sociedade industrial pelo da sociedade pós-industrial, cujo eixo da economia é a produção, distribuição e difusão de informação e conhecimento. O fator econômico figura, pois, como elemento basilar do mundo capitalista, permeando as demais mudanças sociais.

Essa nova reorientação econômica, engendrada a partir dos anos 60 e o desencadeamento de uma ordem social dita pós-moderna trouxeram à

tona a generalização da mão-de-obra de caráter intelectual no novo cenário internacional. Estabeleceu-se um novo setor do sistema produtivo: o **quaternário**, incorporando as atividades relacionadas com a indústria da informação e do conhecimento - imprensa, bibliotecas, institutos de pesquisa, bancos de dados, sistema educacional e instituições similares. O profissional da indústria da informação, como qualquer trabalhador, está sujeito às transformações de seu tempo, aos efeitos das inovações tecnológicas.

No entanto, acerca dessa relação entre tecnologia e processos sociais, considerando-se a esfera econômica, percebe-se a tendência para uma abordagem ingênua e pouco crítica, como é o caso da postura da mídia sobre o tema. Predomina o tom de deslumbramento em relação às novas tecnologias, como se fossem por si sós, capazes de revolucionar a sociedade e produzir um inimaginável mundo novo. Se a tecnologia beneficia a evolução social, para Papon (1994), nem tudo deve ser sacrificado em nome da lógica e da performance industriais.

Finlay (1986), ao dissertar sobre o poder e o controle dos discursos sobre as novas tecnologias de comunicação, destaca que, entre os "gurus" das NTC, predomina o setor econômico como categoria total e dominante da organização social, mormente entre Daniel Bell, Alvin Toffler, Marc Porat e Fritz Machlup. A base do argumento desses estudiosos provém de estatísticas econômicas relativas ao percentual do PNB destinado a atividades concernentes à informação, bem como ao índice de mão-de-obra do setor quaternário. Isso explica porque as novas tecnologias são de forma automática vinculadas aos impactos econômicos, aparentemente, dissociando-os do âmbito maior dos demais processos sociais paralelos. Mas, a realidade atual (e futura, com certeza) apresenta outra configuração. O setor quaternário interatua com os setores primário, secundário e terciário, resultando, de forma direta ou indireta, de sua contribuição. O discurso totalizante e determinista não possui consistência. As inovações tecnológicas são decisivas no processo de transformação sociocultural, ocasionando mudanças nos meios de comunicação, os quais, por sua vez, atuam como fatores que desencadeiam alterações sociais, econômicas, políticas e culturais. Mas é a sociedade que permite que isso ocorra, servindo de suporte para tais inovações. Logo, é insensato aceitar qualquer forma de determinismo, de natureza econômica ou tecnológica.

Em linha similar de pensamento, Habermas (1983a, 1983b) posiciona a tecnologia apenas como mais uma força produtiva, fruto da própria evolução societal, cujo produto básico é o conhecimento, voltado para o interesse humano de emancipar-se em relação à natureza e aos seus problemas existenciais, de ordem material ou simbólica. Para ele, o espaço quaternário não é algo que se superpõe à condição humana, à cultura, à sociedade, à vida.

A emergência de um espaço mass-mediático transnacional

A emergência de um espaço comunicacional dito mass-mediático transnacional e transcultural insere-se no contexto da consolidação da chamada **nova ordem internacional**, orientada pelo paradigma tecnológico da sociedade quaternária, no qual as NTC e a mídia atuam como agentes de primeira grandeza. Com o fim da Guerra Fria e do sistema bipolar, firma-se o primado do econômico nas relações internacionais, superando o conflito centrado até então no campo estratégico, representado pelas tecnologias bélicas. A diversificação e a expansão do mercado tecnológico provocam reestruturação radical do sistema produtor de bens e serviços e inauguram nova agenda internacional, priorizando temas como a propriedade intelectual, a produção audiovisual e as tecnologias sensíveis.

O mercado tecnológico, com o impulso das NTC, segue a lógica da globalização econômica, o que implica a regulamentação intra e intermegablocos da produção de novas tecnologias de comunicação e suas decorrências, como a criação da "Comissão Temática de Sistemas de Informação Científico-Tecnológica" e das negociações em prol de possível acordo sobre normas técnicas, no âmbito do MERCOSUL. Tudo isso porque o setor de informação é essencial para a integração econômica, como fator estratégico para o desenvolvimento, promovendo o livre intercâmbio de informações, com ênfase para as de caráter técnico-científico, e a possibilidade de interligação de instituições nacionais e internacionais via redes de comunicações. A globalização iniciou-se no plano comercial, avançou no plano financeiro e aprofunda-se na esfera cultural, representada pelo mercado de audiovisuais. Esse processo parece contradizer a tendência à formação de blocos regionais. Entretanto, são simultâneos e complementares. A primeira toma forma com a segunda, enquanto a última, mais do que imposição política, decorre das relações econômicas preexistentes. O *North American Free Trade Agreement (NAFTA)*, a Comunidade Econômica Européia (CEE) e o MERCOSUL, por exemplo, consistem na formalização de fluxos comerciais que já existiam de fato.

No campo específico das NTC, sua importância econômica é inegável, pois só os sistemas de telecomunicações por satélites, programados para os próximos dez anos, devem gerar um mercado mundial da ordem de 95 a 115 bilhões de dólares. Os setores de telecomunicações e de audiovisuais constituem ramo milionário, além de serem a base do espaço mass-mediático transnacional. Na realidade, a emergência desse espaço provocou crise das antigas ordens de representações e de saberes e das próprias formas de produção da subjetividade. Trata-se, antes de tudo, de crise cultural, segundo Parente (1994, p.3). Esse contexto de crise correlaciona-se com o cenário do pós-modernismo, cujo lema, baseado na lógica do *carpe diem*, prima pelo efêmero, pelo transitório e pela superficialidade que se traduz na valorização da polimorfia, do vestígio, da indeterminação, da desconstrução e da incoerência. Com a sociedade quaternária, o imperialismo do espaço cede lugar à força do tempo da

tele-visão e da tele-realidade, em que as culturas tendem a extrapolar o real imediato, do aqui e agora, emergindo no fluxo de um tempo virtual, de imagens virtuais. As tecnologias da telepresença, da realidade virtual e dos mundos virtuais acarretarão negação crescente do intervalo de tempo que separa a partida da chegada. As novas possibilidades tecnológicas conduzem à integração de uma cultura mass-mediática transnacional e contribuem para fixar um espaço público também mediático. Esse espaço público transnacional e transcultural insere-se na lógica da globalização e da fragmentação. São facetas do mesmo processo desencadeado na sociedade: não há globalização sem fragmentação e vice-versa. A pluralidade demanda singularidade, isto é, uma cultura dita plural, como a pós-moderna, só sobrevive mediante a combinação de formas e estilos (Matterlart, 1993).

Novas formas de organização e relações de trabalho

No âmbito do trabalho, as NTC provocaram e continuam provocando mudanças, mormente nos países mais desenvolvidos. (Re)conduzem à esfera do espaço doméstico em substituição aos escritórios convencionais, os mais diferentes profissionais: engenheiros, *designers*, analistas de sistemas, tradutores, *ghost writers* etc. Estes, através do *telecommuting* (Hoffman, 1994), comunicam-se eletronicamente com os clientes, em todas as etapas operacionais, via computador, fax, telefone, teleprocessadores de informação, o que corresponde a maior produtividade e melhoria de qualidade do produto, face a índices mais baixos de interferências externas, permitindo, ainda, que pais com filhos pequenos possam aliar trabalho e assistência maternal-paternal. Representa, também, economia de tempo, de custos de transporte, de instalações físicas e despesas daí decorrentes, além de minorar o tráfego de veículos e a poluição ambiental. Mas é preocupante o isolacionismo crescente do indivíduo em seu território, longe da riqueza da troca mútua e coletiva, advinda dos contatos face a face. Ademais, com a reutilização do espaço doméstico como local de trabalho produtivo, conjuga-se espaço privado com espaço público, seguindo a tendência da cultura pós-moderna de eliminação das fronteiras entre a intimidade e a vida profissional, o que representa impacto relevante, tanto na organização social em sentido amplo, como nas relações em nível mais humano e subjetivo.

A retração da esfera pública

Hannah Arendt (1983, p.59) enfatiza a questão do espaço público, cuja função é expor a conduta humana, permitindo que todos demonstrem ao seu público, através de atitudes comportamentais, quem é e do que é capaz. O espaço público é a esfera do comum. A aparição pública é condição básica para a consolidação desse espaço comum, visto que "...*para nós, a aparência - aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos - constitui a realidade*". Se a percepção de realidade está condicionada à

aparência, ou seja, ao que é levado ao domínio público, é perceptível a importância dessa esfera, pois é nela que os fatos, as opiniões, os argumentos e as pessoas emergem da obscuridade da esfera privada e adquirem interesse amplo. A dimensão pública vai além. Pode significar o próprio mundo, visto que este é comum a todos os homens, embora cada um ocupe o seu próprio espaço.

Infere-se, pois, que a mídia institucionalizada, com o impulso das NTC, exerce, cada vez mais, a função de agente desse espaço, mesmo com suas limitações, entre as quais a falta de liberdade de expressão. Não obstante o avanço tecnológico, os meios interativos e a diversificação de opções para o receptor, não há liberdade de expressão de fato. Há a falsa impressão de que os meios de comunicação manifestam-se livremente, desconsiderando-se o jogo de interesses a eles subjacentes. Como empresas capitalistas, atuam em consonância com outros conglomerados econômicos que defendem interesses específicos, inclusive os de natureza política. Não há compromisso com uma ação de cidadania conseqüente, a fim de que o publicizado não se perca no esquecimento e na apatia, e o espaço público mediático ou esfera pública pós-moderna caracteriza-se por ser extremamente excludente. Na teoria, todos têm livre acesso e direito à informação. No entanto, milhões de pessoas sobrevivem à margem do usufruto pleno desse direito. A este respeito, a periodização da esfera pública mostra que nunca houve um espaço comum plenamente democrático. Exemplificando, no modelo grego, como explana a autora antes citada, a paridade entre os cidadãos significava participação na vida pública, na *polis*, onde todos eram tratados como iguais - salvo quem não fazia parte da *polis*.

Habermas, ao analisar o momento burguês da esfera pública, destaca que esta foi condicionada à evolução das técnicas de comunicação diante da possibilidade de reprodução de documentos escritos, destacando a imprensa e sua vinculação com o fortalecimento do comércio da Europa do século XI, quando se deu o declínio da ordem feudal. Trata-se de uma esfera pública definida como a esfera de pessoas privadas reunidas em um público, visto que a literatura e a imprensa constituíam gêneros públicos direcionados a grupos restritos e específicos: os leitores eruditos da classe burguesa, no caso da literatura e os comerciantes, no caso da imprensa. Quanto ao momento pós-burguês da esfera pública, este coincide com a sociedade industrial. Os meios de comunicação, integrados a essa realidade, ampliam suas bases industriais de produção fundamentadas na lógica de mercado e firmam-se como instituições empresariais, o que ocorre sob o impulso e a égide das tecnologias de comunicação.

A fase atual - esfera pública pós-moderna - mantém como elementos principais a superposição do imaginário privado sobre o imaginário público e a conseqüente valorização da intimidade em detrimento do espaço público propriamente dito. O entretenimento, o lazer e o consumo são privilegiados. Por isso, a mídia volta-se muito mais para os atributos

privados. Afinal, se o domínio público representa obrigações, deveres e tirania; a vida privada passa a ser o espaço da liberdade de ação e expressão. Privilegia-se a privacidade, mas não há respeito à vida pública. E, paradoxalmente, esta não requer a presença de indivíduos. Não é mais preciso ir à praça ou a outro lugar público para saber o que está ocorrendo no âmbito social. No caso da política, por exemplo, como mostra a propaganda eleitoral brasileira, com o crescente aparato eletrônico, a política privatiza-se. No lar, o cidadão comum assiste a depoimentos de políticos e/ou o cidadão privilegiado acessa no monitor de seu microcomputador através do sistema multimídia, novos dados sem interromper as ações corriqueiras, o que provoca mudanças significativas em termos de linguagem, de postura do ator político, determinando tom intimista e coloquial.

Entretanto, se há vantagens, tais possibilidades tecnológicas comprometem o enriquecimento cultural, à medida que esmaecem o vigor de cada uma das esferas. A mídia é um exemplo típico, visto que confere a tudo o que é subjetivo aparência de objetividade e de publicidade. As intimidades tornam-se públicas e assuntos públicos são expressos no reino do íntimo. Na visão de Gillies (1993) e Mignot-Lefebvre (1994), com as novas tecnologias, a mídia tende a escravizar a sociedade. O homem, além de idolatrá-la, usufrui de seus benefícios à custa da exploração e da miséria de muitos outros, assalariados e espoliados no dia-a-dia, os quais, na lógica industrial, valem menos do que as máquinas que produzem. Em suma, as NTC redimensionam o público e o privado. Mas esse espaço de aparência é excludente. Continua submetido a critérios privados de gerenciamento da informação, e assim, a atual democratização das informações é mais aparente do que real. Não basta ter acesso ao circuito informativo para participar das decisões públicas. Muitos brasileiros recebem informações através do rádio e da TV. Mas a maioria continua à margem do debate público, por não apreender a essência dos fatos. Indiferente ao avanço tecnológico, o estágio sócio-econômico de grande parte da população corresponde à saída da oralidade para a audiovisualidade, sem sequer o domínio da leitura. Logo, a mídia não constitui esfera pública *stricto sensu*. Não viabiliza a interação consistente dos indivíduos. Limita-se ao uso estratégico da palavra e da imagem, visando à persuasão e não à formação de uma real nível de conscientização.

Intensificação e valorização do consumo

Uma das conseqüências das NTC é que estas redimensionam o consumo ao atribuir valor imensurável ao fator econômico, fazendo com que aspectos da vida humana sejam absorvidos pela lógica do consumo, incluindo o sexo, o desejo, o sonho, a fantasia. Na Antigüidade, a ato de consumir era restrito à esfera doméstica, igualando-se à alimentação, à procriação etc. Arendt (1983), ao analisar o mundo grego antigo, atribui à "vida ativa" (excluídos o pensar e o filosofar), três atividades básicas: labor, trabalho e ação. A primeira refere-se aos atos destinados à reprodução da

vida em sua dimensão biológica. A segunda, ao ato de fabricar objetos não perecíveis para o uso continuado. A terceira, à reunião dos cidadãos na *polis* - o discurso, o debate político. Dentre elas, só o discursivo garantia o exercício da cidadania e a manutenção de um espaço capaz de dar proteção contra a "futilidade" e a insignificância da vida no *oikos*, lugar do anonimato, da mortalidade e da não-comunicação.

O capitalismo, porém, instaurou a sociedade de consumidores. Diante do excedente de bens decorrente da superprodução em série, o uso passa a ser substituído pelo consumo, incluindo bens duráveis. Os atributos do *homo faber* (permanência, estabilidade e durabilidade) são sacrificados em prol da efemeridade do consumo. O trabalho transforma-se em labor. E a maior parte da produção destina-se, agora, ao consumo. A emancipação do consumo precede a emancipação política das classes trabalhadoras e até mesmo a admissão dos operários na esfera pública, com a igualdade jurídica. Consiste na primeira manifestação do estatuto da igualdade, mediante o denominador comum de assegurar a todos coisas "necessárias" à vida, a fim de estabelecer paridade entre os homens, já que a utopia marxista da emancipação do homem em relação ao trabalho nunca se concretizou.

Com a expansão da urbanização, o consumo intensifica-se e passa a mediar grande parte das relações sociais e interpessoais. O outro passa a ser visto como parceiro de consumo, embora existam e perdurem níveis distintos de consumo atrelados às condições econômicas, sociais e culturais dos indivíduos. No entanto, há graus intermediários, difusos e não-dicotômicos.

Aliás, o suporte da comunicação, em termos de mídia institucionalizada é o consumo. Não somente a publicidade, mas em quase todas as instâncias, inclusive o jornalismo impresso ou eletrônico. As NTC ampliam o mercado e as relações de consumo concernentes ao setor de bens de serviços. Milhões de empresas eclodem em todo o mundo, voltadas para a produção e o aperfeiçoamento de equipamentos de comunicação objetivando atender uma crescente e vertiginosa demanda. As empresas comerciais aderem às redes eletrônicas como recursos que garantem mais agilidade e precisão, ainda que diminuam a privacidade e acentuem a impessoalidade dos contatos. Infere-se que o que ainda congrega os homens de hoje é o aparato do consumo, o que se estende, inclusive, ao campo político. A democracia de massas fundamenta-se em um mercado político, no qual a participação dos cidadãos se dá sob a lógica do consumo. Diante das desigualdades, o consumo emerge como elemento de aparente igualdade, haja vista que, teoricamente, todos são iguais perante às leis de mercado.

No entanto, em países como o Brasil, tal paridade, mesmo em nível de consumo de bens materiais e simbólicos, ainda é frágil diante das visíveis disparidades econômicas. Nos países capitalistas centrais, onde elas são menores, o consumo é elemento básico no estabelecimento de relações na esfera pública pós-moderna. Isto significa que o consumo agrava

o distanciamento do exercício pleno da cidadania, acentuando desigualdades sociais e econômicas.

Considerações finais

Sem dúvida, o avanço permanente das NTC provoca ampla metamorfose societal, a partir da transformação dos fundamentos culturais e dos suportes institucionais. Insere e expande nova base de coesão social de natureza eletrônica, apta a fomentar novas formas de participação simbólica e de elaboração da consciência social, determinando modelos distintos de relação macrosocial entre os homens, por meio da mediação informativa. Permite ao cientista de países não desenvolvidos acessar, em tempo real, dados oriundos das nações que ditam os rumos da humanidade, ao fixarem as perspectivas e dimensões do processo desenvolvimentista. Determina drásticas reestruturações empresariais, mediante a racionalização do processo produtivo e distributivo. Acarreta mudanças radicais na vida de indivíduos ou grupos sociais. Permite-lhes suprir suas demandas informacionais, em tempo mais ágil, com maior acuidade e sob a ótica da de-massificação, valorizando suas potencialidades e limitações, visualizando-os, não mais, como elemento "cinzento" de uma massa amorfa e disforme.

No entanto, é preciso refutar a aura de magia e encantamento que aparece como invólucro dessas inovações, revendo a assertiva de Jacobson (1994, p.355): "*...la notion d'une revolution informatique internationale n'est que'une rhétorique idéologique.*" Não devem ser elas concebidas como panacéia. Nenhum processo social por elas desencadeado deve ser analisado isoladamente, pois a cultura está na fronteira do material e do simbólico, interagindo com o mundo da produção e com as representações imaginárias. É essencial a formação de uma sólida cultura científica, como instrumento de incentivo à participação dos indivíduos na vida conjuntural do país. Insensato estimular adesões por modismo. Carece que cada nação estabeleça suas prioridades, com base na qualidade de vida de seu povo, analisando até que ponto são válidos investimentos maciços em infraestrutura de telecomunicações e de telemática, em detrimento de áreas básicas, como: saúde, saneamento, transporte público, educação, produção agrícola etc. Não se defende tendências separatistas ou o sacrifício do progresso de regiões, como no caso brasileiro, em que as idiosincrasias regionais e até estaduais soam como grotescas. Busca-se um ponto de equilíbrio, para assegurar aos mais fracos, social ou economicamente, idênticas garantias de acesso aos meios de comunicação.

Assim, mesmo que não se deva associar mecanicamente as NTC às empresas transnacionais, Mignot-Lefebvre (1994) alerta para o risco de o espaço público transnacional estimulado pelo desenvolvimento tecnológico tender ao elitismo e à desigualdade. A transferência indiscriminada de tecnologias reforça a dependência político-econômica dos países. Quiçá, ameaça a perda de sua identidade cultural. Isto porque é impossível

relegar o descompasso que há entre as sociedades que detêm as informações e o monopólio da produção dessas tecnologias e aquelas que, como a brasileira, destinam-se mais a consumi-las e absorvê-las sem questionamentos, fazendo com que elas tendam a conformar ou enformar o cotidiano dos cidadãos. Até porque, ao *gap* tecnológico corresponde, inevitavelmente, o de conhecimento que, por sua vez, gera o cultural, atingindo o nível de *gap* da própria consciência humana. Ou seja, diante dessa relação dialética entre as realidades social e tecnológica, é preciso que governantes e população exerçam controle racional e consistente sobre a importação de novas tecnologias, de modo a permitir a otimização dos recursos nacionais, dentro de um plano de ação governamental sem casuísmos.

Além do mais, não se pode relegar o fato de que a consolidação de uma "sociedade sem papéis" acarreta problemas jurídicos relevantes, mas pouco questionados. Demanda reestruturação da autoria, em termos conceituais e jurídicos. Exige atenção face à natureza das informações oriundas das NTC, pois algumas das inovações tecnológicas não se preocupam com a fidedignidade e consistência dos dados, por sua instantaneidade, efemeridade e complexidade de armazenamento, como é o caso da Internet, cujos registros não passam sequer por um filtro que garanta a qualidade das informações, repercutindo no ciclo da informação, e, portanto, no processo de comunicação formal e informal.

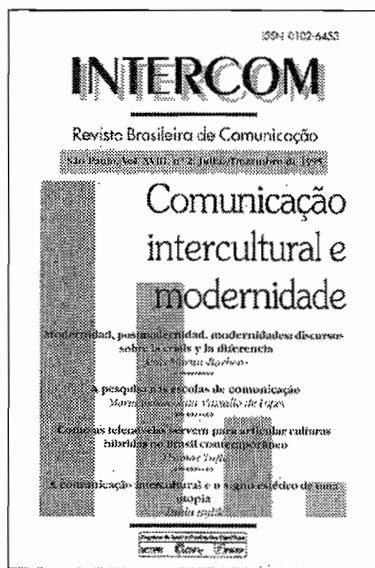
Enfim, ao tempo que as aplicações tecnológicas em qualquer área são relevantes, em se tratando da Comunicação, estas assumem maior dimensão, haja vista a posição da mídia como elemento de primeira ordem nas sociedades capitalistas, decisivo na produção de discursos e conhecimentos, suplantando, algumas vezes, até mesmo o sistema de educação formal. Subjuga a política, a cultura, a economia, a ciência, enfim, todos, de forma (in)consciente submetem-se aos padrões mediáticos. Assim sendo, e se não há respostas prontas e acabadas para os impactos sociais das NTC, resta a certeza de que elas nos legam um manancial de incertezas sobre o destino do homem e da natureza, diante das conquistas acumuladas ao longo da história da humanidade, e, nem sempre, representam solução para as questões sociais.

Referências bibliográficas

- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983. 338p.
- FINLAY, M. Poder e controle nos discursos sobre as novas tecnologias de comunicação. In: FADUL, A. (Org.) *Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos*. São Paulo: Summus, 1986. 182p. p.35-56.

- GILLIES, J. "Confessions of a media fellow". *Science & Public Affairs*, London, p.16-19, winter 1993.
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. In: BENJAMIN, W. et al. *Textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. 343p. p.301-312.
- _____. Técnica e ciência enquanto ideologia. In: BENJAMIN, W. et al. *Textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983b. 343p. p.313-343.
- HOFFMAN, G. *The technology payoff*. Burr Ridge: Irwin, 1994. Reverberations into society, p.231-248.
- JACOBSON, T. L. "Les messageries électroniques et les services dans les pays du tiers monde". *Revue Tiers Monde*, Paris, v.35, n° 138, p.343-355, avr./juin 1994.
- MATTERLART, A. "Des medias a la communication: les bornes de la globalisation". *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v.16, n.2, p.18-29, jul./dez. 1993.
- MIGNOT-LEFEBVRE, Y. "Technologies de communication et d'information: une nouvelle donne internationale?" *Revue Tiers-Monde*, Paris, v.35, n.138, p.245-277, avr./ juin 1994.
- MOON, P. "O céu é o limite". *Istoé*, São Paulo, n° 1258, p.78-81, 10 nov. 1993.
- PAPON, P. "Science et besoins sociaux". *Le Monde Diplomatique*, Paris, v.41, n.482, p.15, fév. 1994.
- PARENTE, A. *Comunicação e multimídia*. Campinas: 1994. 9f. Mimeo.
- SICHEL, B. M. *A tecnologia e a informação*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1981. 74f. Dissertação (Mestrado em Comunicação).
- XAVIER FILHO, S. "O tônico da juventude; os grandes jornais do Brasil adotam sistemas multimídia para informar melhor seus leitores". *Istoé*, São Paulo, n° 1250, p.46-47, 15 set. 1993.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 239p
- _____. *Culture and society*. London: Penguin, 1985. 347p.
- _____. *The politics of modernism; against the new conformists*. London: Verso, 1989. 208p. Culture and technology, p.119-139.

Em 1997, você também não pode
passar sem.



***INTERCOM - Revista Brasileira de
Comunicação***

Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação - Intercom

ASSINATURA ANUAL - R\$ 50,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie
acompanhado de cheque nominal para:

**Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação**

**Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, nº 443 - Bloco "A" - Sala 01 - CEP
05508-900 - São Paulo - SP**